

## Do passado e do presente/Past and present

### Nimongaraí – o batismo ritual de Nimuendajú

Kurt Nimuendajú Unckel

Tradução do alemão por Aryon D. Rodrigues

O texto agora traduzido é o da primeira publicação feita por Curt Nimuendajú, em 1910, sete anos após sua chegada ao Brasil e cinco anos após ter sido aceito por um grupo de índios Guaraní. No texto, o jovem imigrante conta como foi formalmente aceito e ritualmente batizado nessa comunidade dos Guaraní Apapokúva, hoje identificada na literatura antropológica e linguística como Nhandéva. Este texto foi publicado duas vezes, a primeira em 15 de julho de 1910, no jornal *Deutsche Zeitung* de São Paulo, ano VI, número 3, páginas 32-34, e a segunda no final do ano seguinte, 1911, em Porto Alegre, RS, no *Musterreiter's neuer historischer Kalender auf das Jahr 1912* (15. Jg.), páginas 79-82. A presente tradução foi feita a partir desta última publicação, que é uma reprodução integral da que saiu na *Deutsche Zeitung*. Que eu saiba, não houve nenhuma outra reprodução, nem tradução, no Brasil ou no exterior, deste agora centenário texto inaugural do grande etnólogo.

O autor nasceu em Jena, na Alemanha, em 17 de abril de 1883 e veio para o Brasil, por sua própria iniciativa, no ano de 1903, portanto aos vinte anos de idade, sem estudo superior, mas já com muita leitura sobre os povos indígenas das Américas (cf. Egon Schaden, “Notas sobre a vida e a obra de Curt Nimuendajú”, *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 3:7-19, São Paulo, 1968). Após dois anos em São Paulo, entrou em contacto com um grupo de índios Guaraní no interior daquele estado, os Apapokúva, com que passou a conviver, tendo aprendido sua língua e tendo sido adotado como filho por um dos membros do grupo, Pokõchí, que já tinha tido com sua mulher um filho, Guyrapejú, então com 12 anos.

Neste primeiro escrito publicado, Nimuendajú descreve a cerimônia com que o pajé Avacajú lhe atribuiu o nome indígena e revela suas

extraordinárias qualidades de observador e de escritor, assim como denota sua visão crítica sobre as relações que prevaleciam entre os colonizadores e os indígenas. O autor se assina “C. N. Unckel”, já incorporando abreviadamente seu nome Guaraní: Curt Nimuendajú Unckel. Este, por extenso, é o nome com que assinou seus primeiros artigos publicados na Alemanha, a partir de 1914<sup>1</sup>. Especialmente após sua naturalização como cidadão brasileiro, em 1922, passou a assinar-se definitivamente só Curt Nimuendajú.

## *Nimongarai*

Das encostas da Serra dos Agudos até às águas do caudaloso rio Paraná estende-se uma ampla região de colinas, coberta por florestas. Debalde busca o olhar do viajante, a partir do Alto do Tabocal, qualquer ponto de referência no denso mar de folhagem verde-negra além das casas e das plantações da Fazenda Faca a seus pés, um posto avançado da civilização nesta região, no qual, vindo das cidades do leste, poderíamos crer estar recuados três séculos.

Rios desconhecidos, misteriosos, procuram seu caminho através de extensos banhados e de matas escuras e silenciosas, sobre cujas copas o símbolo vivo do sertão, o gavião-de-penacho, descreve seus círculos majestosos. Esta é a terra – quase um sexto do Estado de São Paulo –, que há decênios vem sendo defendida e mantida, com firme obstinação, por algumas centenas de aguerridos índios Coroados contra todos os intrusos. Mas a selva, que assegura aos nativos sua existência como nação ainda por muitos anos, proporciona também um asilo a seus mais terríveis inimigos, aqueles camaradas quietos, de poucas palavras, que já foram capangas e criminosos diversos, os quais aqui, numa vida cheia de privações e perigos e em luta com os índios selvagens, por um lado pagam sua conta de pecados e, por outro lado, aumentam-na ainda mais com crueldades brutais.

<sup>1</sup> No mesmo número da *Deutsche Zeitung* em que saiu o texto aqui traduzido, Nimuendajú publicou também, nas páginas 54-56, artigo intitulado “Zur Coroadofrage” (“Sobre a questão dos Coroados”). É de 1910 seu artigo “O fim da tribo Otí”, que permaneceu inédito por 72 anos e foi publicado no volume *Textos indigenistas: relatórios, monografias, cartas* (São Paulo: Edições Loyola, 1982:33-40), coordenado por Paulo Suess com a colaboração de Carlos de Araújo Moreira Neto. Esse mesmo volume inclui uma carta de Nimuendajú ao Dr. Hugo Gensch sobre a pacificação dos Coroados, escrita da Aldeia do Araribá e datada de 14 de abril de 1912.

Para mais informações sobre a vida e a obra de Nimuendajú vejam-se os escritos de Herbert Baldus, “Curt Nimuendajú na revista *Sociologia* (volume VIII, n. 1, São Paulo, 1946, págs. 45-52), reproduzido (sem a bibliografia) em *Textos indigenistas*, págs. 25-31”; de Egon Schaden, “Notas sobre a vida e a obra de Curt Nimuendajú”, na *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 3, São Paulo, 1968:7-19; e de Carlos de Araújo Moreira Neto, “Introdução”, no já referido volume *Textos indigenistas*, páginas 9-23.

Para cá se retirou também o restante de uma horda dispersa da outrora poderosa tribo Guarani. Glorificados no leste e feitos heróis de romances, são eles aqui no oeste desprezados e maltratados como gado miserável. Há três anos ecoa a mata do sertão o apito da locomotiva, sinalizando que também aqui acabou o tempo para os criminosos e para os índios, e, silenciosos e sem queixar-se, como é de sua índole, desaparecem do Estado de São Paulo os últimos indígenas, sem que ninguém tenha por eles outro interesse, senão o de explorá-los. Trata-se, aliás, de índios “mansos”, e prevalece, nesse caso, o julgamento habitual, tradicional – preguiçosos, ladrões e bêbados –, quando não se levantam acusações ainda piores, urdidas pela fantasia de visitantes superficiais. Um julgamento desse tipo é, aliás, muito mais cômodo do que o estudo trabalhoso da concepção de mundo dos índios e do caráter fechado destes povos com todas as suas excelências e deficiências.

Numa fria noite de julho estava toda a comunidade Guarani reunida na grande volta do rio da Batalha, oposta à foz do Avari. Aqui era, como último resto da antiga aldeia, a casa de *Ponôchi*, o qual os brasileiros costumam chamar de “João Caçador”. A maior parte dos membros da tribo, que ainda eram cerca de 70 pessoas, tinham recentemente – salvo os que se espalharam pelas fazendas vizinhas – seguido rio acima para Araribá, a fim de escapar das importunações grosseiras pelo bando de trabalhadores da Ferrovia do Noroeste que se aproximava. Já havia meses eu participava voluntariamente da sorte da tribo e era considerado como pertencente à família do Capitão *Avacaujú* (José Francisco Honório), o qual gostava de ouvir quando eu me dirigia a ele como *Cherú* (‘meu pai’). No começo eu tinha só um “irmão”, *Guyrapejú*, de 14 anos de idade, mas agora havia uma semana que gritava um outro *chyvyí* na rede do rancho em Araribá. *Avacaujú*, que após o nascimento da criança por vários dias mal deixou a rede, receava como um doente as correntes de ar e observava todo tipo de dieta, cumpria com toda precisão esse costume indígena conhecido como “couvade”, porque a criança tinha vindo ao mundo com a maleita. A menor falha do pai na observação dessas regras poderia, segundo a percepção dos índios, acarretar a morte do recém-nascido.

Um dia, logo que os estados da mãe e da criança permitiram, fomos para a casa de *Ponôchi* na aldeia velha, onde eu, para minha surpresa, já achei a maior parte dos Guarani que moram espalhados nas cercanias, com exceção de uns poucos, que também chegaram até a noite. Todos acamparam por grupos de famílias, no terreiro em volta do rancho de *Pocôchi* e a fumaça das numerosas fogueirinhas pairava como um traço branco horizontal diante

do paredão escuro da floresta. Do rio da Batalha subiam névoas brancas que, com o claro luar, prateavam o alto das matas vizinhas. *Guyrapejú* e eu tínhamos feito um fogo na beira da mata, estávamos deitados de baixo do meu poncho e sentíamos frio, pois a noite estava terrivelmente fria. Avacaujú e sua mulher com a criancinha estavam certamente com *Pocôchi* no rancho. Pela parede de varas se via um fogo cintilando e diversas pessoas andando para lá e para cá, entre elas o *porai-guaçú* (pajé) *Tavyá*, cuja mulher e filha estavam acampadas junto a um fogo, bem em frente à entrada do rancho.

Logo após o anoitecer, *Tavyá* tomou lugar junto ao fogo, diante de sua família, e logo soava, através do silêncio da mata, a melodia do *ñanderú-porai*, aquele canto sem palavras, estranhamente selvagem, que soa como um aviso, pelo qual o Guaraní procura despertar as forças sobrenaturais que habitam em seu corpo, para então torná-las úteis para alguma atividade religiosa ou mágica. Logo misturou-se à voz forte do homem o canto agudo de sua mulher e de sua filha, acompanhado pelo bater compassado e ressoante das *tacué* e pelo som sibilante dos *mbaracá*. Estes dois são os únicos instrumentos nacionais que estes índios ainda utilizam. O *mbaracá* é muito semelhante ao chocalho das nossas crianças e consiste em uma cabaça vazia com um cabo de pau que, onde ele entra e sai da cabaça, é enfeitado com uma coroa de penas vermelho-amareladas de tucano. Para ressoar ele contém um punhado de pequenas sementes pretas e muito duras (*yvaú*). A essas sementes, assim como a todo o chocalho, é atribuída certa santidade e muitas vezes o pajé ficava contrariado quando algum estranho indiscreto pegava nas mãos sem nenhum motivo o instrumento e, sem noção do que estava fazendo, começava a chocalhar e talvez a gracejar sobre ele. O *maracá* é usado exclusivamente pelo pajé, ao passo que a *tacué* é o instrumento de todas as mulheres e meninas. Um pedaço de taquara branca de um metro de comprimento, fechado numa extremidade por um nó, mas aberto na outra, é enfeitado na extremidade superior e no meio por uma coroa de penas coloridas, ao que às vezes se somam também gravações ornamentais e pintura vermelha com urucu. Quando as mulheres e meninas acompanham o *ñanderú-porai*, sentadas no chão, batem com força a *tacué* com a extremidade fechada, o que produz um som surdo de tambor.

Em constante repetição soava a melodia, da entrada do rancho para cá. Diante da claridade do fogo destacava-se nitidamente a figura escura do pajé, quando ele energicamente sacudia o chocalho e, acompanhando o ritmo, abaixava a cabeça para a direita e para a esquerda. Depois de algum tempo

ele se levantou de repente, dirigiu-se com suas acompanhantes para dentro do rancho e lá retomou o canto.

Esses cantos noturnos ocorrem onde os Guarani se encontram em grande número, algo bastante comum. Não só os pajés, mas em geral quase qualquer índio canta à noite seu canto de cura, seja porque teve um sonho mau, seja porque está com medo de um fantasma, ou porque ele tem um doente no rancho, ou porque ele mesmo não se sente bem, ou ainda porque deve fazer algo importante na manhã seguinte. Esses cantos noturnos não incomodam de modo algum os que deles não participam, mas, como eu sei de longa experiência, atuam como infalível soporífero, devido a suas melodias monótonas e ao singular acompanhamento instrumental.

Hoje, porém, o frio não nos deixava dormir. Guyrapejú levantou-se e ajoelhou-se junto ao fogo, para o qual voltou suas costas nuas. Como figuras informes, os índios estavam acorados junto ao braseiro e de vez em quando aparecia na luz um rosto amarelo que, com os olhos fechados, soprava a chama. Eu escutava o canto no rancho e percebi que o andamento se tornava mais acelerado e mais vivo. Sempre mais rapidamente se repetiam as estrofes curtas e sempre mais animada soava a voz do pajé. Aí se seguiram melodias que eu nunca antes tinha ouvido. Especialmente notável era uma que, a intervalos regulares, era interrompida por risadas curtas. Nas pequenas pausas entre os cantos, eu ouvia a mulher de Avacajú chorar e soluçar, de modo que não pensei em outra coisa, senão que o seu filhinho tivesse de novo adoecido gravemente. Olhei na direção de Guyrapejú, mas ele estava ajoelhado tranquilo junto ao fogo, como se não tivesse nada a ver com o que acontecia. Em casos assim não é recomendável querer obter esclarecimento mediante perguntas. A resposta vem insuficiente e meio incompreensível e o índio com isso relembra a presença sempre incômoda de um estranho imprudente. Por isso eu esperei pacientemente o que ainda ia acontecer e, finalmente, cerca de uma hora antes da meia-noite, apareceu na entrada do rancho uma moça e chamou para a praça por Guyrapejú e por mim. Nós entramos imediatamente e nos apertamos num canto junto à entrada. Guyrapejú estendeu-se junto comigo sob o meu poncho, e assim ficamos esperando.

O fogo no rancho tinha acabado e o espaço ficou só escassamente iluminado por duas velas finas. No centro do rancho estava Tavyá sentado no chão. Ele estava vestido só com uma calça, mas em volta de seu peito enrolavam-se os *jacá*, cordões de frutas Yvaú enfiadas. Enfeitava a cabeça um diadema largo tecido por ele mesmo (*acanguá*), enfeitado artisticamente

com penas curtas de tucano e de papagaio. Dentro dele, sobre a testa, o topete vermelho de pica-pau do mato, ultrapassado pelas longas penas da cauda do tesoura, as quais conferem ao portador, tal como a esse pássaro, a força de trazer chuva. Os quatro cordões, com os quais o *acanguá* estava preso à parte posterior da cabeça, caíam, enfeitados por penas, sobre os ombros. Sentados diante dele estavam *Pocôchi* e sua mulher. Ela tinha o pequeno nos braços, enquanto que seu marido segurava com as duas mãos uma canoa de pau estreita, de uns 50 centímetros de comprimento. Esta continha água e alguns pedaços de perfumosa casca de cedro e, em cada extremidade, estava grudada uma das mencionadas velinhas de cera. Ao lado do pajé, para o qual ela tinha as costas meio voltadas, estava sentada chorando a mãe da criança e, do outro lado, estavam a mulher e a filha de Tavyá, que o acompanhavam nos cantos. Atrás do fogo que se apagava estava deitado Avacaujú, meio coberto em sua rede, com os olhos fechados e aparentemente não se incomodando com nada. Nenhum só homem não participante se encontrava na casinha, mas todas as mulheres e meninas maiores estavam sentadas em volta, com as *taquí* nas mãos.

Tavyá tinha deixado o chocalho deitado a seu lado e acompanhava seu canto com movimentos muito estranhos. Ele inclinava a parte superior do corpo, abaixava a cabeça e esfregava fortemente o peito com as duas mãos. Depois erguia-se e movimentava as mãos como se quisesse levantar algo de suas costas por cima da cabeça, ou como alguém que tira uma camisa. Em seguida levantava os braços e sacudia as mãos acima da cabeça, para então gesticular no ar por cima da criança, como um magnetizador. Depois, de novo parecia como se ele apanhasse cuidadosamente com as duas mãos, por cima da canoa, um tecido invisível e então o estendesse sobre a criança. Essa lida aparente com coisas invisíveis tinha grande semelhança com o procedimento em casos de doença, quando a gente também pode ver como o pajé pega a doença com as pontas dos dedos e a tira fora, ou deixa fluir o hálito mágico de sua boca no côncavo das mãos, que ele, por isso, lava antes cuidadosamente, para então despejá-lo lentamente sobre o corpo do doente.

Tavyá continuou ainda por bastante tempo cantando desse modo, acompanhado pelas mulheres e meninas. Afinal estendeu as mãos para a canoa, molhou as palmas de ambas as mãos com a água perfumada e, depois de ter pronunciado algumas palavras incompreensíveis, tocou ligeiramente a testa e o peito do pequeno. Com isto fica realizado o batismo. Ponôchi levantou-se e colocou a canoa sobre um suporte especial para isso, feito com

duas forquilhas de galho, que na parte de cima estavam envolvidas com casca de cipó *guembé*. Sua mulher passou a criança para a mãe e as duas afastaram-se para trás. Agora levantou-se também Tavyá, colocou-se diante do suporte com a canoa e bateu algumas vezes com o pé numa postura algo inclinada “em compasso” com o pé. Então ergueu os braços acima da cabeça, deu uns pulos como na dança das czardas e saiu para o lado. O canto se interrompeu e de repente se deu uma pausa.

Devagar levantou-se agora da rede Avacaujú, o qual aliás também é pajé, e trocou em voz baixa algumas palavras com Ponõchí e a mulher deste. Ponõchí trouxe então para dentro um banquinho que mal tinha a altura de uma mão, colocou-o contra a parede e disse então, apontando para mim: *Edjú eguapy!* (‘Vem e senta-te!’) Eu me livreí do poncho e fiz o que me foi mandado. Ponõchí pegou a canoa de seu suporte e veio com ela para meu lado direito e sua mulher veio para o esquerdo.

Avacaujú, com o chocalho na mão, ficou de pé por um pouco de tempo calado diante de mim, como se tentasse em vão lembrar-se do começo, e então começou de repente a cantar e logo os que estavam em volta acompanharam. Tremendo por causa do frio, tive então de aguardar sobre mim a mesma cantoria. Infelizmente Avacaujú realizou tudo com o máximo rigor. Ele sacudiu o chocalho sobre mim, indo de um pé para o outro, interiormente, de todos os lados, e parecia querer me magnetizar com seus dedos das mãos estendidos. Ao fazer isso, ele mantinha os olhos firmemente fixos em mim e sua feição tomava aquela expressão estranhamente angustiada e sofrida, que é própria do pajé quando em transe e que dá a impressão de que o mesmo age meio contra sua vontade sob uma compulsão sobrenatural. De repente, ele pegou na canoa e me aspergiu com a água no peito e no alto da cabeça, da mesma maneira como pouco antes Tavyá tinha feito com meu irmãozinho. Também Avacaujú disse então algumas palavras incompreensíveis na maneira de falar que os pajés usam em suas funções, falando tanto por exalação como por inspiração do ar. Eu percebi só a palavra *carairamo* (‘pelo poder’ ou ‘pela força mágica’?). Então ele retomou com uma outra melodia e nós fomos lentamente, em passo de ganso, dando a volta por dentro da casa, na frente Avacaujú com o chocalho, então Ponõchí com a canoa, depois eu e por último a mulher de Ponõchí, que segurava no meu pulso. Ao chegar de volta ao nosso lugar de antes, tomamos as posições anteriores e a cena toda se repetiu desde o início. Eu, impaciente, espiei pela parede de varas do rancho e percebi a leste já os primeiros sinais do dia nascente.

Depois da segunda volta, Avacajú chegou bem diante de mim e, parado e excitado, chamou bem alto e claro: *Muendajú-ma-nderery! – Nandereyigua nde! – Nandéva nderenoi Nimuendajú!* (‘Muendajú é o teu nome! – Tu pertences à nossa tribo! – Os Guarani te chamam *Nimuendajú!*). E então, apontando para Pocôchi e sua mulher: *Cova-ma ndeangá!* (‘Estes são teus parentes’, i.e., ‘padrinhos de batismo’!). Então, para meu espanto, começou de novo a cantar ao mesmo tempo em que, de cabeça levantada e de pé diante de mim, mantinha as mãos sobre minha cabeça, como me abençoando’. Levou ainda um bom tempo até que ele, abaixando os braços, recuou, com o que o canto silenciou e a cerimônia acabou.

Quando, meia hora mais tarde, o sol subiu por detrás da mata, iluminou um novo membro da tribo dos Guarani, o qual, apesar de sua pele clara, tinha durante dois anos fielmente compartilhado com eles a miséria de um povo moribundo. \*

No mesmo número da *Deutsche Zeitung* em que saiu o texto aqui traduzido, Nimuendajú publicou também, nas páginas 54-56, artigo intitulado “Zur Coroadofrage” (“Sobre a questão dos Coroados”). É de 1910 seu artigo “O fim da tribo Otí”, que permaneceu inédito por 72 anos e foi publicado no volume *Textos indigenistas: relatórios, monografias, cartas* (São Paulo: Edições Loyola, 1982:33-40), coordenado por Paulo Suess com a colaboração de Carlos de Araújo Moreira Neto. Esse mesmo volume inclui uma carta de Nimuendajú ao Dr. Hugo Gensch sobre a pacificação dos Coroados, escrita da Aldeia do Araribá e datada de 14 de abril de 1912.

Para mais informações sobre a vida e a obra de Nimuendajú vejam-se os escritos de Herbert Baldus, “Curt Nimuendajú na revista *Sociologia* (vol. VIII, n. 1, São Paulo, 1946, págs. 45-52), reproduzido (sem a bibliografia) em *Textos indigenistas*, páginas 25-31”; de Egon Schaden, “Notas sobre a vida e a obra de Curt Nimuendajú”, na *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 3, São Paulo, 1968:7-19; e de Carlos de Araújo Moreira Neto, “Introdução”, no já referido volume *Textos indigenistas*, páginas 9-23.

---

\* Retranscrição das expressões na ortografia atual dos Nhandéva:

1. *Edju egwapy!*
2. *Karai ramo.*
3. *Muēdadju ma derery!*
4. *Nhãdere'yigwa de!*
5. *Nhãdewa derenōi Nhimuēdadju!*
6. *Kówa ma de'ágá!*